

Dissertação de Mestrado¹

SILVA, Luciano Edison da². **Educação e força de trabalho em uma economia primário-exportadora**: o panorama das ocupações para egressos do ensino médio da microrregião de Capanema – PR. 2020. 220f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNIOESTE, Cascavel.

Resumo expandido

As inquietações que motivaram esta pesquisa remontam à trajetória discente desde a educação básica até a universitária, sempre ponderando a continuidade dos estudos versus a inserção no mercado de trabalho. Como docente, a mesma angústia é vivenciada diante da alta evasão de jovens na última etapa da educação básica. A partir de 2016, com as primeiras experiências de pesquisa no Instituto Federal de Rondônia, essa aflição adquiriu um contorno mais científico, investigando as motivações desse movimento centrífugo no ensino médio.

Partindo de uma leitura mais mediada, esse abandono escolar é entendido como parte de um "cálculo escolar", onde o ensino médio pode se tornar uma terceira jornada de trabalho para filhos da classe trabalhadora (Kuenzer, 2007). A pesquisa se ancorou em dados de 2007 a 2017, de diversas fontes como o Ministério da Educação, Ministério do Trabalho e Emprego, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Outros estudos e relatórios, com dados tratados e fundamentados em referência teórico sobre a temática transição escola-trabalho, possibilitou um quadro com mais fundamentação sobre a temática. Para mensurar a movimentação desse cenário de empregos

¹ Resumo expandido de dissertação, recebido em 22/05/2024. Aprovado pelos editores em 25/07/2024. Publicado em 07/08/2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v22i48.63044>.

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professor de Sociologia no Instituto Federal do Paraná, campus Capanema. E-mail: Luciano_soc@yahoo.com.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4941396946231360>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6449-3447>. Dissertação defendida em 04 de dezembro de 2020, orientado pelo Prof. Drº Roberto Antonio Deitos. Link para a dissertação: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5269>.

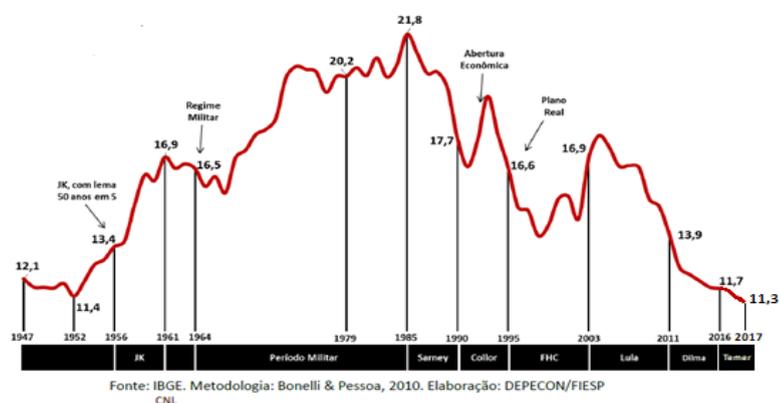
disponíveis, foram tratados somente aqueles formais, ativos no sítio do MTE nos referidos anos para admissão, filtrados pela Classificação Brasileira de Ocupações(CBO).

A partir da adoção desta metodologia, um movimento catalisador significativo na dinâmica do mercado de trabalho foi a análise da estrutura econômica brasileira, historicamente marcada pela produção de *commodities*, notadamente agropecuárias. Assim, partiu-se de uma fundamentação materialista, segundo a qual a estrutura econômica influencia a superestrutura. Logo, a educação, bem como todas as políticas de Estado, ajusta-se para atender sua demanda. É a partir dela, com suas relações de produção, que se constitui o fundamento sobre o qual se edificam as instituições e ideias de uma sociedade, conforme explica Marx (1996).

É nesse contexto que a educação se posiciona para fornecer força de trabalho nos termos dessa economia. A provocação de Mészáros (2008), “[...] digam-me onde está o trabalho em um tipo de sociedade que eu te direi onde está a educação” (p. 17), aponta a bússola para desvelar a escola. Nesse sentido, Frigotto (2006) explica que a educação internaliza os princípios formativos e educativos do sistema econômico, moldando-se ao tipo de economia em curso. No mesmo caminho, Xavier (1990) reforça que a escola se adequa às condições materiais e ideológicas geradas pelos avanços econômicos.

A figura abaixo confirma uma participação cada vez mais reduzida da indústria manufatureira na economia brasileira, o que trará influxos sobre a educação e os postos de trabalho para atender os setores básicos em crescimento.

Figura 1: Brasil: Participação da indústria de transformação no PIB, em %



Em recrudescimento desde o final dos anos 1980 (Cano, 2012), a exportação de *commodities*, que era de 50% em 1994, atingiu 64,6% em 2010 (ApexBrasil, 2011). Em 2017, contudo, o país registrou 62,8% de exportações de produtos primários, segundo a United Nations Conference on Trade and Development (Unctad), caracterizando o Brasil como dependente desse mercado.

Esse processo reverberou na movimentação do mercado de trabalho de baixo agregado tecnológico, com qualificações medianas, determinado pelo investimento adotado pelas empresas (Maciente, 2013). Logo, as ocupações foram voltadas para atividades menos complexas, conforme explica Saboia (2009). Isso ocorre porque o mercado brasileiro exerce pouca pressão por força de trabalho de média e alta qualificação tecnocientífica, devido à manutenção de atividades tecnicamente arcaicas e de baixa produtividade, como sublinha Saboia.

Conforme indicado na tabela de ocupações, embora atividades mais complexas, como os grandes grupos 2 (GG2) e 3 (GG3) (respectivamente ocupações que requerem domínio do ensino superior e técnico), tenham apresentado um avanço absoluto, elas recuaram em termos de representatividade no total geral.

A apresentação desse quadro ocorreu através de quatro capítulos. O primeiro expõe as motivações da pesquisa e os cenários identificados de forma preliminar. A questão central da pesquisa, foi entender por que a melhoria nos indicadores educacionais não se traduz em melhores postos de trabalho, especialmente para os jovens concluintes da educação básica.

No segundo capítulo, investigou-se a formação do Estado brasileiro e os mecanismos que levaram ao desenvolvimento de uma indústria subdesenvolvida (FURTADO, 2005). A constituição do Brasil visava atender à exploração de produtos primários destinados ao mercado europeu e, por isso, não demandava alta qualificação nem níveis complexos de conhecimento na produção (Prado JR, 1981).

Esse modelo agressivo, de aperfeiçoamento técnico praticamente inexistente até o início do século XIX, conduziu a um desenvolvimento econômico mais quantitativo do que qualitativo (Holanda, 1995). Nem mesmo a independência da metrópole visou romper com a estrutura colonial nos termos da revolução burguesa europeia (Fernandes, 1976). A ruptura do pacto colonial permitiu constituir uma nova ordem social e trouxe a autonomia que as elites nativas necessitavam.

Nem mesmo os ventos liberais e democráticos foram capazes de abalar essa estrutura, explica Faoro (2001). A revolução dentro da ordem deveria produzir, segundo Fernandes (1976), os mesmos efeitos coloniais. Assim, o liberalismo adotado pelas elites foi fundamentalmente econômico e apenas virtualmente político.

Dessa forma, sem completar o ciclo de uma industrialização madura, o que se observa é uma economia caracterizada pela desindustrialização prematura e reprimarização (Berriel, 2016; Bresser-Pereira, Marconi, Oreiro, 2014). A tabela abaixo destaca o avanço dos NCITs (produtos não classificados pela indústria de transformação) e o recuo naquelas de maior agregado tecnológico

Tabela 1 – Brasil: Evolução da produção por intensidade tecnológico dos produtos exportados entre 1997 e 2017, em dólar

Tipo	2017 (US\$)	2007 (US\$)	1997 (US\$)	Total (US\$)	1997-2017	1997-2007	2007-2017
					variação %	variação %	variação %
Produtos N.C.I.T	81.897.958.337	38.965.289.238	9.825.713.046	955.132.878.983	733,00%	296,00%	110,00%
Produtos Da Industria De Transformação De Baixa Tecnologia	57.776.096.805	44.817.274.194	18.294.391.197	849.794.526.986	215,00%	144,00%	28,00%
Produtos Da Industria De Transformação De Media-Baixa Tecnologia	27.793.165.190	29.265.934.337	9.134.530.281	461.255.823.382	204,00%	220,00%	-5,00%
Produtos Da Industria De Transformação De Media-Alta Tecnologia	40.329.186.016	37.891.618.081	13.340.116.701	599.262.502.237	202,00%	184,00%	6,00%
Produtos Da Industria De Transformação De Alta Tecnologia	9.942.812.118	9.581.766.905	2.352.744.307	157.767.160.199	322,00%	307,00%	3,76
Total (US\$)	217.739.218.466	160.521.882.755	52.947.495.532	3.023.212.891.787			

Fonte: MDIC – 1997; 2007; 2017

Com políticas receptivas a produtos agropecuários e outras *commodities*, destaca Cano (2012), o movimento das ocupações para esse mercado e a formação da força de trabalho segue o mesmo percurso, apresentado no terceiro capítulo.

Neste capítulo, sistematizamos os dados do Ministério do Trabalho e Emprego para o período de 2007 a 2017, que revelam uma evolução lenta nas ocupações mais complexas. Isso ocorre porque a estrutura econômica estaria saturada para uma força de trabalho de alta qualificação, sendo incapaz de absorver esses profissionais em ocupações de alta performance, como aponta Saboia (2009). Ao analisar as admissões, especialmente aquelas que exigem maior competência e complexidade, como as atividades do GG3 da CBO, há uma baixa representação no cômputo geral.

Tabela 2 – Brasil: Admissão de ocupações registradas nos Grandes Grupos da CBO, para os anos de 2017 e 2007, de janeiro a dezembro

	Grandes Grupos	2017	2007	Varição%
GG2	Profissionais das Ciências e das Artes	679.686	529.960	28,30%
GG3	Técnicos de Nível Médio	1.007.600	830.225	21,40%
GG4	Trabalhadores de Serviços Administrativos	2.701.769	2.338.944	15,50%
GG5	Trabalhadores dos Serviços, Vendedores do Comercio em Lojas e Mercados	4.254.886	3.595.773	18,30%
GG6	Trabalhadores Agropecuários, Florestais e da Pesca	963.453	1.557.044	-38,10%
GG7	Trabalhadores da Produção de Bens e Serviços Industriais	3.387.540	4.163.269	-18,60%
GG8	Trabalhadores da Produção de Bens e Serviços Indust.	460.126	580.030	-20,70%
GG9	Trabalhadores em Serviços de Reparação e Manutenção	348.618	502.259	-30,60%

Fonte: MTE/Caged, 2007; 2017

Mesmo apresentando variações positivas em admissões entre um período e outro, os GG2 e GG3, a representação respectiva não ultrapassa 12% e 9% das admissões gerais. Contudo, para o estrato juventude há um avanço de 3,64% para o primeiro e uma retração de 3,59% no segundo.

Na leitura desse quadro, Deitos e Lara (2016) explicam que a composição da força de trabalho reflete a política educacional moldada pela base econômica. Segundo eles, as habilidades mínimas oferecidas pelo sistema educacional são suficientes para atender à estrutura econômica existente, preservando as vantagens produtivas.

É nesse contexto que o quarto capítulo insere a Microrregião de Capanema (MRC), composta por seus oito municípios: Ampére, Bela Vista da Caroba, Capanema, Pérola d'Oeste, Planalto, Pranchita, Realeza e Santa Izabel do Oeste. Concentrada pelo setor primário, a produção de soja e de frango da região se destina em grande parte ao mercado externo, conforme dados do MDIC

Com registro de crescimento da monocultura, a região apresenta fortes laços com a produção familiar, pequenas propriedades de produção de mandioca, fumo, feijão, erva-mate, aveia, batata, cana-de-açúcar, mel, ovinos, caprinos etc. São espaços que continuam como grandes empregadores e fonte de renda na região (Martins, 2018). Contudo, com exceção de Ampére, Capanema e Pranchita, todos os outros se enquadram como municípios de baixo desempenho na dimensão de renda, mesmo registrando avanços na oferta em todos os níveis da educação, como

é o caso da presença do Instituto Federal do Paraná, campus Capanema e Universidades Federal da Fronteira Sul, campus Realeza.

Em declínio na região, o encolhimento da população jovem, segundo Bosi (2016) e Martins (2018), é atribuído ao avanço da avicultura, que tem alterado a estrutura fundiária da área. A avicultura tem se tornado a principal alternativa de trabalho, especialmente para pessoas com baixa escolaridade, oferecendo salários achatados, principalmente nos frigoríficos, e resultando em alta rotatividade, demissões e abandono.

Tabela 3 – MRC: 10 ocupações que mais admitiram em 2017 e 2007

2017		2007	
Ocupação	Admissão	Ocupações	Admissão
Trabalhador da Avicultura de Corte	642	Costureiro na Confeção em Serie	466
Alimentador de Linha de Produção	563	Trabalhador da Avicultura de Corte	391
Servente de Obras	483	Vendedor de Comercio Varejista	297
Vendedor de Comercio Varejista	407	Alimentador de Linha de Produção	294
Costureiro na Confeção em Serie	375	Auxiliar de Escritório, em Geral	247
Auxiliar de Escritório, em Geral	306	Motorista de Caminhão (Rotas Regionais e Internacionais)	191
Motorista de Caminhão (Rotas Regionais e Internacionais)	267	Faxineiro	165
Pedreiro	227	Pedreiro	144
Ajudante de Confeção	199	Servente de Obras	141
Assistente Administrativo	155	Operador de Maquina de Costura de Acabamento	139

Fonte: MTE/Caged, 2007; 2017

As ocupações mais corriqueiras na região, classificadas como GG6 (avicultura) e GG7 (alimentador de linha de produção), demandam um nível de escolaridade fundamental. Porém, se observa que a maioria dos ocupantes dessas ocupações possui formação de ensino médio. No cômputo geral das ocupações, 65,6% do total de trabalhadores na Microrregião de Capanema (MRC) possuem esse nível de escolaridade, indicando uma tendência na composição do estoque de trabalhadores.

Das considerações feitas, conclui-se que a educação, por si só, não consegue converter a escolaridade em melhores postos de trabalho, uma vez que os problemas educacionais não são exclusivamente intraescolares, mas também extraescolares. Como explica Darcy Ribeiro, a crise da educação não é uma crise, mas sim um projeto. Assim, as ocupações precárias e de baixa e média performance que se vislumbram no horizonte dos egressos do sistema educacional brasileiro são

essenciais para impulsionar o mercado constituído. Nesse sentido, as políticas educacionais em disputa têm se direcionado predominantemente a atender as demandas dessa economia, resultando em um investimento reduzido em ciência e pesquisa, dada a escassa pressão por áreas mais complexas.

Referências

APEXBRASIL - Agência brasileira de promoção de exportações e investimentos. **As exportações brasileiras e os ciclos de *commodities***: tendências recentes e perspectivas. Brasília: Conjuntura & Estratégia, 2011.

BERRIEL, R. R. de Araújo. **Os recentes processos de desindustrialização e reprimarização das exportações brasileiras**: o papel da taxa de câmbio e dos preços das *commodities*. 2016. 57f. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) - UFF, Campos dos Goytacazes.

BRASIL. Ministério da Economia, Indústria, Comércio exterior e serviços (MDIC). **Estatísticas do Comércio Exterior**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO**. 3 ed. Brasília, 2010.

BRASIL. **Programa de disseminação das estatísticas do trabalho**. Disponível em <http://pdet.mte.gov.br/caged>. Acesso em 11 nov 2019.

BRESSER-PEREIRA. L. C, MARCONI, N.; OREIRO, J. L. The Dutch Disease. In: **Developmentalism Macroeconomics: New Developmentalism as a Growth Strategy**, Londres: Routledge, 2014. Disponível em www.bresserpereira.org.br/papers-cursos. Acesso em 12 dez. 2019.

CANO, W. **A desindustrialização no Brasil**. Textos para discussão. Campinas: Instituto de Economia, nº 200, 2012.

BOSI, A. de P. Acumulação de capital e trabalho na agroindústria no Oeste do Paraná de 1960 a 2010. **História Unisinos**, v. 20, n. 1, p. 94-106, 2016.

FERNANDES, F. **A Revolução Burguesa no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FRIGOTTO, G. Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. In: **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006, p. 233-263.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 32 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE - Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Estatísticas econômicas**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 21 nov 2019.

IBGE - Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua-PNAD contínua: Educação 2007**. Divulgação anual. Rio de Janeiro, IBGE: 2007.

IBGE - Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua-PNAD contínua: Educação 2017**. Divulgação anual. Rio de Janeiro, IBGE: 2017.

IPARDES - Instituto paranaense de desenvolvimento econômico e social. **Microrregião de Capanema**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/>>. Acesso em 7 de maio de 2020.

KUENZER, A. Z. **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

KUENZER, A. Z. O ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. Campinas: **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 70, p. 15-39, 2000.

MACIENTE, A. N.; NASCIMENTO, P. A. Meyer M.; GUSSO, D. A. **Breves notas sobre escassez de mão de obra, educação e produtividade do trabalho**. Brasília: Radar/IPEA, 2012.

MACÁRIO, E. et al. (Orgs.). **Dimensões da crise brasileira: dependência, trabalho e fundo público**. Fortaleza: Ed. UECE; Bauru: Canal 6, 2018.

MARINI, R. M. **Subdesenvolvimento e revolução**. 4. ed. Florianópolis: Insular, 2013.

MARTINS, S. M. **Educação e trabalho da juventude: Desafios da Sucessão Familiar Rural**, 2018, 47f. Monografia - Curso interdisciplinar em educação do campo: ciências naturais, matemática e ciências agrárias, Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, 2018.

MARX, K. **Prefácio à Crítica da economia política**. São Paulo: Edições Sociais, 1996.

OIT - Organização internacional do trabalho. **Educação dos Jovens Brasileiros no período 2006-2013**. Brasília: OIT, 2015. Disponível em: <<http://www.oitbrasil.org.br>>. Acesso em: 03 out. 2018.

PRADO JR. Caio. **História econômica do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SABOIA, J. (Coord.). **Tendências da qualificação da força de trabalho**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. (Estudo transversal, 04). Relatório final do Estudo Transversal “Qualificação da Força do Trabalho”. Projeto de Pesquisa “Perspectivas do Investimento no Brasil”. Rio de Janeiro: Instituto IE-UFRJ / Campinas: IE-UNICAMP, 2008/2009.

UNCTAD - **Unidet Nations Conference on trade and development**. 2018. Disponível em: www.unctadstat.unctad.org. Acesso em 26 de março de 2020.

XAVIER, M. E. S. P. **Capitalismo e Escola no Brasil**: a Constituição do Liberalismo em Ideologia Educacional e as Reformas do Ensino (1931-1961). Campinas: Papirus, 1990.